

Investimento direto pára de crescer, revela pesquisa

Para 41,8% dos executivos das 500 maiores empresas do País, aplicações vão cair

JÔ GALAZI

RIO – Uma sondagem feita pela consultoria Price WaterhouseCoopers confirma que o ciclo de aumento de investimentos empresariais no País, a partir de agora, será interrompido. A sondagem, feita com as 500 maiores companhias brasileiras em setembro – no auge da crise externa – apurou que para 41,8% dos empresários os investimentos vão cair e para 25,5% ficarão no nível do ano passado. Somente 32,7% acreditam em mais investimentos, o que, segundo a Price, é uma parcela significativa, considerando-se o período difícil em que se fez a consulta.

Entre os que acreditam em mais investimentos, a maior parte demonstrou confiança em que as aplicações das empresas cresçam de forma substancial: 41,8% dos que integram essa faixa apostam em investimentos 5% a 10% superiores aos de 97. Outros 25,5% estimam elevações de 2% a 5%. E 32,7% falam em 0,1% a 2%.

Transcorridos os três primeiros meses do segundo semestre, 78,2% dos empresários já julgam que a segunda metade do ano será pior que a primeira, 14,5% apostam em estabilidade e apenas 7,3% pensam que haverá uma melhora. Nem o Natal está animando os empresários. De acordo com 54,4%, o deste ano vai ter um desempenho inferior ao de 97, enquanto 38,2% não acreditam em grandes alterações. Para 5,5%, será melhor.

Com tais expectativas, naturalmente as projeções em relação ao comportamento do Produto Interno Bruto (PIB – soma dos bens, mercadorias e serviços produzidos no País) não são nada favoráveis. A maioria (54,5%) entende que o PIB crescerá só de 0,1% a 1% em 98, em uma projeção pouco pior, no seu limite inferior, à do coordenador do Departamento de

MAIORIA
PREVÊ ALTA DE
NO MÁXIMO
1% DO PIB

Contas Nacionais do IBGE, Alberto Olinto, que é de 0,5% a 1%.

Os empresários também acham, na maioria, que o governo vai alterar a política cambial. Para 40%, a opção do governo será pela aceleração das minidesvalorizações diárias e 9,1% antecipam mididesvalorizações. Já a saída mais radical – a maxi-desvalorização do real – somente foi apontada por 1,8%.